



MASCULINIDADES E FEMINILIDADES DE JOVENS CONTEMPORÂNEOS: DISCURSOS VISIBILIZADOS POR ARTEFATOS MIDIÁTICOS

Bruna Manara Costa¹
Juliana Ribeiro de Vargas²

Resumo

Estudo qualitativo, elaborado frente aos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, em perspectiva pós-estruturalista, o presente trabalho busca analisar a constituição da subjetividade de jovens contemporâneos frente aos discursos visibilizados por músicas e vídeos de músicas de funk, entendidos aqui como artefatos midiáticos. Tais jovens, com idades entre quatorze e dezessete anos, são estudantes do último ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas das cidades de Porto Alegre (RS) e Canoas (RS) Como metodologia, valemo-nos do uso de questionários, da análise de determinados artefatos culturais (músicas e vídeos), descritos pelos jovens investigados como seus preferidos e também, dos grupos de discussão com os estudantes das turmas referidas acerca das músicas mais populares entre os/as jovens pesquisados. Através das análises realizadas percebemos, entre outras questões, que os jovens associam a masculinidade expressa nas músicas apresentadas com a possibilidade de consumir artefatos de luxo e, por conseguinte, ter a companhia de belas mulheres. Já a feminilidade representada nos vídeos é relacionada à vulgarização e objetificação da mulher, sendo essa dominada pelo homem, que possui maior poder aquisitivo, no entanto essa feminilidade não agrada a maioria das jovens pesquisadas. Compreendemos que esta investigação, mais do que visibilizar e problematizar a constituição de expressividades das culturas juvenis contemporâneas, visa contribuir para organização de diferenciadas práticas pedagógicas nas instituições escolares, a partir do conhecimento de dimensões da vida dos jovens na atualidade.

Palavras chave: Estudos Culturais; Estudos de Gênero; Artefatos Culturais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, um estudo qualitativo, elaborado frente aos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, em perspectiva pós-estruturalista, busca analisar a constituição da subjetividade de jovens contemporâneos frente aos discursos visibilizados por músicas e vídeos de músicas de *funk*, entendidos aqui como artefatos midiáticos.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível compreender as manifestações significativas para os distintos grupos sociais, tal como as músicas escutadas pelos alunos, como produções culturais e ainda, como ações comunicativas/identitárias dos grupos sociais nos quais os jovens alunos transitam. Já os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como originários unicamente de categorizações biológicas para o entendimento dos mesmos como relacionados às construções históricas sociais, fomenta modos diferenciados de descrição e análise de tais sujeitos

1 Aluno do curso de graduação em Ciências Biológicas – Bolsista FAPERGS – manara.bruna@gmail.com

2 Professor do curso de graduação Pedagogia e no PPGEDU – julivargas10@hotmail.com

(LOURO, 1997). Teresa de Lauretis (1994) compreende gênero para além das diferenças sexuais, pois para autora também essas não são universais, tão pouco articuladas em razão de essências ditas únicas. Alinhada às ideias de Foucault (2009) sobre a constituição do sujeito a partir das práticas de subjetivação, a referida autora pontua a potencialidade de pensar o conceito de gênero como também uma tecnologia, produto de práticas discursivas.

De acordo com as perspectivas teóricas elencadas, o conceito de juventude remete à ideia de uma categoria plural, distante das classificações etárias e das descrições biológica como modos únicos para descrevê-la e contextualizá-la, tal como abordam autores como Feixa (1999) e Dayrell (2001). Nesse contexto Paulo Carrano (2013) corrobora com a compreensão de que “ser jovem significa ser sujeito das intensas transformações pessoais e societárias relacionadas com o amplo processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs)”. Da mesma forma, entende-se que a cultura midiática está presente no cotidiano de nossos jovens contemporâneos e segundo Kellner (2001) a cultura midiática (construída, incessantemente, por meio de imagens e sons) modela uma visão prevalecente de mundo, fomentando opiniões políticas e comportamentos sociais, definindo o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral, fornecendo a matéria prima para a construção das identidades dos indivíduos.

Apresentamos, a seguir, ferramentas teórico-metodológicas importantes para a constituição deste estudo. Em seguida, destacamos algumas características do gênero *funk* ostentação buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerramos este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição das masculinidades e feminilidades juvenis.

METODOLOGIA

Como metodologia, foram utilizados um questionário aberto e a análise de determinados artefatos culturais (músicas e videoclipes), descritos pelos jovens investigados como seus preferidos. É importante destacar que o questionário abordou temáticas como constituição, escolaridade e profissão do grupo familiar, questões relacionadas à diversão e ao lazer dos jovens, à escola e aos estudos, ao uso do celular e da internet, e por fim, uma listagem das dez músicas que mais escutam em seus celulares. Tal ferramenta foi aplicada em três turmas do 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas, localizadas na periferia de Porto Alegre (RS) e Canoas (RS).

Após digitalizar e tabelar tal questionário, foram destacadas as opiniões e músicas mais frequentes e ainda, outros temas do cotidiano dos jovens. Assim, foram organizados Grupos de Discussão com os jovens, no quais foram debatidos e analisados os videoclipes das músicas mais citadas pelos jovens, as quais se destacaram ³*Menino Sonhador* (Mc Pedrinho)², *4M Nato* (Mc Davi)³ e *Baile de Favela* (Mc João)⁴. A análise dos discursos dos artefatos midiáticos (músicas e videoclipes) foi realizada a partir de Michel Foucault (2012).

Compartilhamos com Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) o entendimento de que a metodologia do grupo de discussão abre a possibilidade de escuta sensível, que não se fundamenta apenas em rigores teóricos para sua realização, uma vez que tal escuta é dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”. Compreendemos assim que tais metodologias potencializam análises sobre a constituição das subjetividades dos estudantes na contemporaneidade e, por conseguinte, na constituição das masculinidades e feminilidades juvenis contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de grande parte dos jovens, meninos e meninas gostar das músicas citadas, eles reconhecem que os clipes apelam para carros de luxo, bebidas caras e principalmente para a exposição sensualizada de mulheres para sua popularização na *web*. Os meninos também acreditam que homens ricos consigam relacionar-se com um número maior de mulheres. No entanto, tais mulheres seriam “as interesseiras” e não “as de fé”, aquelas que os jovens procurariam para ter um relacionamento sério. As meninas descrevem essas mulheres como interesseiras e vulgares, como afirma a aluna Bibiana, dizendo: “Acho elas interesseiras, porque se eles (os cantores) não tivessem dinheiro elas não estariam ali”. Ou como afirmou um grupo de meninas que disse: “Essas mulheres são interesseiras, estão ali só por causa da grana e por causa dos caras famosos. Tudo (bebida e a dança) leva a pensar que vai rolar uma putaria. Não é porque tá de biquíni que tem que ficar se esfregando nos caras, isso não acontece fora do clip, na praia por exemplo. Banho de whisky desnecessário, desperdício de bebida cara”.

Apesar de ser uma das músicas mais citadas na pesquisa serem relacionadas ao estilo funk, a maioria das meninas relatou não gostar dos clipes das mesmas. Classificam-nos como vulgares na medida em que estes expõem mulheres de forma erótica, desvalorizando-as. Observamos também que alguns discursos conservadores se fazem presentes sobre o assunto, nas narrativas das alunas

Ana: Achei vulgar, porque as mulheres estão quase nuas e eles passando a mão, mas tem mulheres que gostam porque vão ao baile. As pessoas falam que não gostam, mas ouvem.
Bibiana: Acho que elas (as mulheres dos clipes) não se dão o valor.

Os meninos pesquisados associam a masculinidade expressa nas músicas apresentadas com a possibilidade de consumir artefatos de luxo e, por conseguinte, ter a companhia de belas mulheres. A maioria dos jovens e das jovens pesquisados compreende que os artefatos não influenciam sobre seu modo de vida. No entanto, os estudantes relataram que se começasse a ganhar bastante dinheiro “ostentariam” com carros, motos e outros artefatos de luxo, de modo semelhante ao que é evidenciado pelos cantores nos clipes analisados.

Não é o caso dos alunos pesquisados, mas muitas vezes o estilo de vida *rap* e *funk* possibilita a muitos desses jovens uma ampliação significativa das hipóteses de vida (GIDDENS, 1995), uma vez que abre espaços para os jovens sonharem com outras alternativas de vida que não aquelas restritas, oferecidas pela sociedade. Segundo Dayrell (2002) a vivência do estilo possibilita a esses jovens práticas, relações e símbolos por meio dos quais se afirmam com uma identidade própria, como jovens. Enfim, o estilo se coloca como mediador de um determinado modo de ser jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens se identificam com a manifestação cultural que denota o poder de consumo das classes populares, assim o grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, produz uma cultura própria. Para os meninos a masculinidade nas músicas é representada pelo poder de consumir artefatos de luxo e por consequência ter a companhia de belas mulheres. Já a feminilidade representada nos clips é relacionada a vulgarização e objetificação da mulher, sendo essa dominada pelo homem, que possui maior poder aquisitivo. Essa feminilidade não agrada a maioria das jovens pesquisadas, algumas relatam ainda que preferem o estilo

sertanejo. Deste modo, os alunos pesquisados apresentam especificidades e constroem determinados modos de ser jovem de acordo com os recursos que dispõem o que não significa que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares.

Entendemos que apenas re(conhecendo) nossos alunos de forma integral que vamos conseguir lhes proporcionar metodologias diferenciadas, bem como formar professores preparados para lidar com diversidade que compõe a realidade de uma sala de aula, afim de proporcionar um ensino mais crítico, ativo, reflexivo, significativo e humano para a sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARRANO, Paulo; DAMASCENO, Patrícia Abreu; TAFACKI, Cristina. **A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio**. 2013. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/a_escola_tem_tudo_o_que_precisamos_o_facebook_tem_tudo_o_que_gostamos_comunicacao_vii_redes_2013.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONNELL, Robert. **Políticas da Masculinidade**. Porto Alegre: Revista Educação & Realidade, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Campinas: Revista Brasileira de Educação, 2003.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade, Estado, 2001.

_____. **O jovem como sujeito social**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2003.

_____. **O rap e o funk na socialização da juventude**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEIXA, Carles. **De culturas, subculturas y estilos**. Barcelona: Ariel, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299. 2007.

_____. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>>. Acesso em: 17/05/2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **História da sexualidade I - A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2001.

_____. **História da sexualidade II - O uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidad e identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporânea**. Barcelona: Península, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Rio de Janeiro: Edusc, 2001.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.): **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, p. 41-52, 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão**: uma opção metodológica na pesquisa em educação. Educação e Realidade, 2011.

SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza. **Na escola e nas revistas**: reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo. Bahia: Revista Entreideias, 2012.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. **O que ouço me produz e me conduz? A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.